BOCA
BOLETIM DE CONJUNTURA

A MULHER E OS MÚLTIPLOS OLHARES: INTERSECÇÕES ENTRE TRABALHO, LAR E SOCIEDADE

WOMAN AND MULTIPLE PERSPECTIVES: INTERSECTIONS BETWEEN WORK, HOME AND SOCIETY

LA MUJER Y LAS MÚLTIPLES MIRADAS: INTERSECCIONES ENTRE TRABAJO, HOGAR Y SOCIEDAD

https://doi.org/10.56238/bocav25n80-010

Data de submissão: 08/06/2026 **Data de publicação:** 23/07/2026

Marcos Clair Bovo
Doutor em Geografia
Instituição: Universidade Estadual do Paraná – Campus Campo Mourão
E-mail: mcbovo69@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-3582-6702
Lattes: http://lattes.cnpq.br/8553647366079597

Úrsula Tostes da Silva
Mestra em Sociedade e Desenvolvimento
Instituição: Universidade Estadual do Paraná – Campus Campo Mourão
E-mail: ursulamesmo@yahoo.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-5005-2253
Lattes: http://lattes.cnpq.br/1392547419327564

Fabiane Freire França
Doutora em Educação
Instituição: Universidade Estadual do Paraná – Campus Campo Mourão
E-mail: prof.fabianefreire@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-9781-9773
Lattes: http://lattes.cnpq.br/8009677334152001

Fred Maciel
Doutor em História
Instituição: Universidade Estadual do Paraná – Campus Campo Mourão
E-mail: fredmaciel06@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-5324-5157
Lattes: http://lattes.cnpq.br/8902937834731785

RESUMO
Os movimentos feministas foram os precursores para que as mulheres pudessem ter acesso ao conhecimento, à educação e a partir desses eventos poder ocupar o(s) lugar(es) na sociedade, bem como desempenhar papéis, trabalhar fora de casa, buscar ser autossuficiente por meio do trabalho.

Diante disso, o artigo objetiva analisar os diferentes papéis desempenhados pelas mulheres, estabelecendo relações entre o trabalho, a casa e a sociedade. O aporte metodológico da investigação constitui-se de pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas semiestruturadas que foram agendadas e feitas via plataforma Google Meet, sendo estas gravadas e transcritas. Os resultados obtidos indicam os avanços e também o que ainda permanece igual na vida das mulheres na sociedade brasileira por meio de suas experiências e vivências. A pesquisa segue a abordagem interdisciplinar entre as áreas de Geografia, História, Sociologia e Literatura.

Palavras-chave: Mulher. Trabalho. Lugar.

ABSTRACT

Feminist movements were precursors for women to have access to knowledge and education, thus being able to occupy places in society, as well as perform roles, work outside and seek to be self-sufficient through work. In face of that, the paper aims at analyzing the different roles performed by women establishing relations between work, home and society. The study's methodology is based on bibliographic and documentary research, and also on semi-structured interviews scheduled and carried out via Google Meet, which were recorded and transcribed. Results point to advances and also to what stays the same in the lives of women in Brazilian society through their experiences and livings. The research follows an interdisciplinary approach between the areas of Geography, History, Sociology and Literature.

Keywords: Woman. Work. Place.

RESUMEN

Los movimientos feministas fueron precursores para que las mujeres tuvieran acceso al conocimiento y la educación, permitiéndoles ocupar lugares en la sociedad, así como desempeñar roles, trabajar fuera de casa y buscar ser autosuficientes a través del trabajo. Ante esto, el artículo tiene como objetivo analizar los diferentes roles desempeñados por las mujeres, estableciendo relaciones entre el trabajo, el hogar y la sociedad. El aporte metodológico de la investigación consta de investigación bibliográfica, documental y entrevistas semiestructuradas que fueron programadas y realizadas a través de la plataforma Google Meet, siendo grabadas y transcritas. Los resultados obtenidos indican los avances y también lo que permanece igual en la vida de las mujeres en la sociedad brasileña a través de sus experiencias y vivencias. La investigación sigue un enfoque interdisciplinario entre las áreas de Geografía, Historia, Sociología y Literatura.

Palabras clave: Mujer. Trabajo. Lugar.

1 INTRODUÇÃO

O artigo objetiva analisar os diferentes papéis desempenhados pelas mulheres estabelecendo relações entre o trabalho, a casa e a sociedade. Para tanto, partimos da definição do lugar, por considerar "a base da reprodução da vida e pode ser analisado a partir da tríade: habitante-identidade-lugar" Carlos (1996, p.17), à vista disso, o lugar pode ser delineado a partir da necessidade de considerar o corpo, dado que é por meio dele que o homem tanto habita e se apropria do espaço, logo o lugar está conectado ao plano vivido e iminente.

Diante disso, compreendemos que o trabalho, a casa e a sociedade fazem parte da tríade da qual falamos anteriormente. Assim, o lugar está associado diretamente à apropriação do espaço, pois é a partir dele que procuramos compreender os diversos olhares das mulheres sobre o trabalho, a casa e a sociedade, mas também conceber de que forma esses lugares ocupados por elas são significativos para as questões voltadas para o trabalho tanto fora de casa quanto dentro dela, já que as atividades domésticas também são um trabalho, embora não seja remunerado para as mulheres que optam por serem donas de casa em tempo integral.

Ao trazermos as questões voltadas para o trabalho, à casa e à sociedade, podemos compreender como as mulheres participaram e participam das transformações sociais, econômicas e políticas de cada época. Portanto, faz-se mister entender que a concepção de mulher está diretamente associada à reconstrução dos modelos sociais que regem a sociedade. Embora as transformações sociais não sejam observadas apenas nos corpos e na maneira como as mulheres se comportam, mas também estão relacionadas às construções sociais existentes que são produzidas expressivamente por meio de discursos ligados aos discursos visuais, dentre eles as manifestações artísticas e as manifestações literárias.

As mulheres por muito tempo foram silenciadas, mormente em assuntos alusivos à política e à sexualidade. Para melhor entendermos os silêncios impostos às mulheres, leva-se em consideração que elas foram por muito tempo seres intelectualmente incapazes e, por isso eram privadas de participar da vida pública, cabendo a elas a vida privada, o lar, os cuidados com a casa, com o marido e filhos. Esse modo de pensar colocava em evidência tanto o lugar que as mulheres ocupavam quanto o papel que desempenhavam na sociedade, deixando em destaque as relações de dominação existentes.

À luz das transformações políticas, econômicas, sociais, culturais que estavam acontecendo no final do século XIX no Brasil, houve transformações no que diz respeito à urbanização e, com isso,

houve também o alicerçamento da vida urbana e com ela surgiram novas oportunidades e de uma vida social.

Associadas às transformações socioeconômicas, estavam as lutas das mulheres por seus direitos pela liberdade, pois a partir da conquista dos direitos e da liberdade, elas deixariam de ser submissas aos homens. E mesmo ao conquistar os direitos e a liberdade, muitas mulheres, por mais que estudem e tenham uma carreira no trabalho, ainda buscam o reconhecimento da sociedade e da família. Assim sendo, foi somente a partir das bandeiras levantadas com os movimentos feministas, as quais ocorridas no século XX que as mulheres passaram a exercer a função de trabalhadoras e chefes de família.

Apesar das transformações e das conquistas das mulheres, o trabalho que ainda era circunscrito a algumas atividades, normalmente as mulheres eram operárias de fábricas, secretárias de instituições públicas ou professoras. Aqui destacamos que foi o magistério que deu a oportunidade de inserção das mulheres nos espaços públicos. O magistério possibilitava a elas desempenhar o papel de dona de casa, de mãe e esposa, além de ser, de acordo com Louro (2004, p. 379) "um trabalho transitório", já que ao optarem pela maternidade, poderiam abandonar o trabalho quando se casassem ou tivessem filhos.

2 DAS TRANSFORMAÇÕES AOS MOVIMENTOS FEMINISTAS: OS PRIMEIROS PASSOS

Para compreendermos as transformações ocorridas nas sociedades e nos movimentos feministas, faz-se necessário entendermos o trabalho e os múltiplos lugares que as mulheres vêm ocupando na sociedade a partir dos séculos XIX e XX.

Assim, as transformações na vida das mulheres são decorrentes das mudanças advindas dos aspectos históricos, sociais, políticos e econômicos ocorridos na sociedade. Assim, independente da sociedade, há uma divisão de papéis sociais, morais e culturais presentes especialmente nas sociedades patriarcais. Bourdieu (2012) define essas divisões como uma oposição entre o feminino e o masculino, em que existe uma ordem masculina, a qual não é necessária ser enunciada em quaisquer discursos que visam a autenticá-la. Essa ordem é respaldada pela divisão social, sendo ela relevante na diferenciação de papéis entre mulheres e homens na formação da sociedade.

Perante o exposto, constatamos que é na família que as construções de diferenças nas relações de gênero ocorrem de maneira reforçada. Elas também são o arcabouço para a determinação do que é masculinidade e feminilidade, assim como para várias representações socioculturais. Tal divisão de papéis é vista na organização das famílias, por exemplo, enquanto o homem trabalha fora e ocupa os espaços públicos, a mulher está em casa cuidando dos filhos, da casa e do marido, e esse papel

desempenhado pelas mulheres deixa obvia as relações de dominação, outorgando, assim, quais os lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade.

Porém, com o processo de industrialização, ocorreram vários avanços na sociedade, na cultura e na economia. Tais fatos estavam diretamente associados às ideias vanguardistas vindas da Europa que incentivavam as transições relativas ao comportamento nessa época, as mulheres já podiam sair de casa desacompanhadas do pai, irmão ou do marido, e foi nesse momento que as mulheres também começaram a ser inseridas no mercado de trabalho. Para Kantorski (2011), foi a partir da Revolução Industrial que a condição de vida não só das mulheres, mas também das classes menos favorecidas, começaram a mudar, já que estavam se inserindo na sociedade.

Associada às transformações sociais e econômicas deu-se a luta das mulheres em busca de seus direitos, de sua liberdade para que não mais fossem subjugadas aos homens. Ainda assim, as mulheres que têm acesso ao conhecimento buscam o reconhecimento nas mais variadas áreas de atuação no mercado de trabalho. O conhecimento foi/é o fator que deu/dá à mulher acesso à liberdade, e conectado a isso, está o fato das mulheres se mostrarem capazes de pensar, sendo essa uma "bandeira" que foi uma das muitas levantadas pelo feminismo no século XX. Mesmo com as mulheres passando a trabalhar fora de casa, as profissões para elas eram restritas: secretárias de repartições públicas, operárias de fábricas ou professoras, sendo que esta última profissão permitia às mulheres não só manter as tarefas domésticas, como também, poderiam abandonar a profissão quando se casassem ou tivessem filhos. Contudo, não podemos desconsiderar que o magistério é uma profissão relevante, porque foi ela que possibilitou à mulher a trabalhar fora de casa em momentos iniciais.

No fim do século XIX, o capitalismo estava se consolidando no Brasil, dando início à vida urbana e com ela novas perspectivas sociais. Diante disso, surgiam novos grupos sociais, como a burguesia, uma classe social que possuía não apenas uma nova forma de pensar, mas também uma nova forma de organizar a família, o trabalho doméstico e também um novo olhar para as mulheres e às atividades que elas desempenhavam dentro de casa. Tais alterações se deram dentro das residências das famílias abastadas que abriam seus salões e salas de jantar.

Segundo D'Incão (2004, p. 190) se "deu a interiorização da vida doméstica" por meio da abertura dos salões e salas de jantar para a sociedade, as quais tinham como objetivo ampliar a intimidade e, também nesses lugares, as mulheres eram submetidas "a avaliações e opiniões de outros". Nesse ínterim, as mulheres da elite passaram a frequentar locais públicos, "os bailes, os cafés, teatros", tendo assim alguma liberdade, mas, nesse momento, além dos pais, maridos e irmãos, as mulheres

estavam sob os olhares de uma sociedade vigilante, o que as obrigou a aprender a se comportar. Com as alterações no que tange ao comportamento das mulheres, já que elas passaram também a frequentar alguns locais públicos, algumas regras de comportamento e etiqueta eram restritas às mulheres da elite, tempos depois essas regras foram estendidas às mulheres das classes trabalhadoras, havendo, portanto, a exaltação de determinadas virtudes da burguesia ligadas ao trabalho, à castidade e ao esforço individual.

Apesar de todas as transformações ocorridas nos mais variados âmbitos, os caminhos percorridos pelas mulheres, independente das classes sociais as quais pertenciam, não foram nada fáceis, ainda mais no período em que as cidades sofriam com variadas modificações, com maior exigência da participação mais ampla das mulheres nos locais públicos, nos acontecimentos sociais e também como trabalhadoras. Um dos caminhos para a ascensão social era o casamento, a partir dele as mulheres mantinham o status da família. Vale ressaltarmos que os casamentos para manter o status da família ocorriam entre pessoas de uma mesma classe social, ou seja, famílias burguesas.

Assim sendo, quando essas mulheres se casavam, assumiam uma nova função: colaborar com a manutenção do projeto familiar de mobilidade social, portanto, cabia à mulher a responsabilidade não apenas do bem-estar familiar, mas também do sucesso da família e diante dessa nova função da mulher, os homens começam a ser dependentes dela, pois necessitavam delas para manter uma boa imagem para a sociedade. Ao pensarmos nessa situação, levamos em consideração a teoria de Bourdieu (2009, p. 09), referente à dominação masculina imposta e legitimada. Essa situação dispensa, segundo o autor, quaisquer justificativas e também discursos, em decorrência disso, ocorre a chamada “ordem social” que legitima a dominação masculina, sendo assim, é a partir “da divisão social do trabalho que se distribui de forma bem específica aos dois eixos”.

Os eixos que Bourdieu (2002, p. 41) se refere estão associados diretamente à divisão social. A partir dessa divisão que a distinção anatômica do masculino e do feminino são construídas, justificar-se-ia a fundamentação da divisão social em outra divisão, definida pelo autor como “relações de divisão e exploração” que são implantadas entre os gêneros. Sendo assim, essa divisão social proposta por Bourdieu (2009) torna evidente as diferenças entre os gêneros, dado que é ela que vai predominar também na divisão de trabalho, possibilitando aos homens um papel e um lugar de destaque na sociedade.

No que diz respeito à educação, as atribuídas às mulheres eram para as atividades domésticas. A inserção da leitura e da escrita revolucionou diretamente a educação delas, porque essas duas

atividades deram à mulher possibilidades, sendo por exemplo, a escrita que possibilitou o confronto, já que não era mais possível evitar que elas aprendessem a ler e escrever, todavia, como nos aponta Perrot (1999, p. 271), o acesso das mulheres à escrita e à leitura pode ser considerado um fato que viabilizou a escrita privada (as correspondências familiares, por exemplo) e as formas públicas (obras de educação). À vista disso, compreendemos que, apesar da mulher começar a ter acesso à educação, esta era voltada para o que Perrot (1999, p. 217) menciona como educação direcionada para o setor privado, "para as questões familiares, dona de casa, mãe, esposa" e também ao que estava relacionado às questões religiosas. Ressaltamos que a Igreja teve um papel relevante na educação das mulheres porque a instituição católica ocupou-se por um longo período de um lugar menor ao lado das "práticas domésticas", "caritativas" e "morais". O vínculo entre a Igreja e as mulheres é "antigo", "poderoso" e "ambivalente". Contudo, esse vínculo podia ser considerado como opressor e limitador, mas ainda assim, era uma ligação externa. No limiar das modificações do século XIX para o século XX, principalmente nos primeiros trinta anos do novo século, a educação teve um papel decisivo para as mulheres, já que essa foi uma das maiores conquistas do movimento feminista. Em um primeiro momento, a educação tinha como objetivo as mulheres das classes abastadas para que elas pudessem administrar a casa; em um segundo momento, a educação foi direcionada para as mulheres das classes menos favorecidas, sendo a educação voltada para o trabalho.

Assim sendo, não se pode negar que a educação teve um papel importante não apenas para o desenvolvimento do país, mas também para que as mulheres pudessem ter acesso ao ensino. Embora a educação tivesse uma enorme significância, foi na virada do século XIX que as questões alusivas à educação feminina se fortaleceram devido aos objetivos, que não eram mais educar a mulher para o lar, mas a educação passou a ser vista como instrução, de acordo com Louro (2004, p. 373) "uma arma privilegiada" de libertação da mulher. O movimento anarquista, por exemplo, se preocupava não apenas em discutir temas que tratavam da educação e participação feminina nos movimentos operários e na sociedade. Além disso, havia as escolas libertárias que se preocupavam em instruir as meninas.

Ao tratarmos do trabalho, compreendemos a importância do magistério na vida das mulheres, dado que essa área de atuação possibilitou a entrada das mulheres no mercado de trabalho. A escassez de professores e professoras para alfabetizar a população brasileira fez com que em fins do século XIX algumas medidas fossem tomadas, dentre elas a construção de escolas normais em algumas cidades do país para que se formassem novos(as) docentes. Com a abertura das primeiras escolas para formação docente, vagas foram abertas para homens e mulheres, todavia, as aulas, os horários e até os prédios

deveriam ser separados. Ressaltamos que até então apenas os homens poderiam exercer a atividade docente, mas com o passar do tempo as mulheres tornaram-se necessárias, porque as classes das meninas deveriam ser regidas pelas "senhoras honestas". Diante disso, no século XX, auferiram-se novas maneiras de pensar, todavia, algumas situações ainda não estavam completamente mudadas. Nesse ínterim, as mulheres começaram a ganhar mais espaço na vida pública, começaram a se emancipar e participar de forma mais efetiva da sociedade, mas essa nova forma de viver da mulher não era bem vista e não escapou às críticas, particularmente das que procuravam seus direitos e lutavam pelas causas feministas, essas eram tidas como "mulheres-homens". Pensamentos como esses e tantos outros objetivavam impedir as lutas feministas.

Os primeiros movimentos feministas tiveram o intuito de lutar pelos direitos políticos, além de defender que as mulheres poderiam trabalhar fora de casa. Esses movimentos também procuravam lutar pelo avanço intelectual das mulheres, quem nos indica tais caminhos é Costa (2011, p. 26). A pesquisadora ainda assevera que havia dois lados, de um se encontravam as mulheres "que lutavam por emancipação coletiva", "uma maior participação na sociedade" e do outro, estavam os representantes da Igreja, do Estado e as classes dominantes. Nesse contexto, Perrot (2008, p. 11) dialoga com Costa (2011) ao afirmar que as mulheres sempre foram mais "imaginadas do que realmente contadas ou descritas". À vista disso, Costa (2011) enfatiza que

> [...] as mudanças de hábitos das mulheres são consideradas uma ameaça às tradições familiares que não apenas redefinem os papéis sociais, mas também privavam as mulheres do verdadeiro papel social porque se voltavam para funções masculinizantes, consequência da má formação feminina nesses novos tempos (Costa, 2011, p. 27).

O feminismo está relacionado às questões voltadas para as mulheres, de acordo com Silva e Camurça (2013, p. 11): "o feminismo é uma teoria crítica que tem a função não só de avaliar a condição das mulheres, mas também do mundo, sendo, portanto, um movimento social que luta por transformações e atitude pessoal diante da vida". A definição de feminismo para as autoras vai além disso, porque, para elas, o movimento feminista seria como "uma linha de pensamento, que visa explorar a situação das mulheres, além de elaborar de maneira contínua e crítica as denúncias da sociedade patriarcal", sendo, portanto, para Silva e Camurça (2013, p. 11), "uma teoria aberta e em constante construção". Ou ainda, o feminismo pode ser definido a partir de sua organização dado que abarca, segundo as autoras, "a movimentação das mulheres na sociedade" para que exista a luta pelos direitos e pela igualdade.

A partir da movimentação das mulheres na sociedade, seja lutando pela igualdade e/ou por direitos, o movimento feminista ganhou formas ao final do século XIX na Europa. Nesse momento em questão, as mulheres europeias lutavam principalmente pela emancipação feminina, com ações que percorriam várias classes sociais. Os movimentos feministas bem como as produções teóricas sobre o tema viviam seu tempo áureo, principalmente no que se relaciona ao gênero e também no auxílio do que França (2014, p. 22) afirma ser "a representação de identidades de homens e mulheres", porque ambos são sujeitos sociais. Se nesse período as lutas feministas das europeias e americanas tinham características reivindicatórias, acadêmicas e também políticas, no Brasil, os embates estavam voltados para que as mulheres tivessem o direito ao voto, fato que foi só foi promulgado em 1934. Em comum acordo sobre este fato, Rago (2008) e França (2014) dialogam sobre o fato de que se existe um movimento feminista organizado e até mesmo fora dele, tornou-se possível erigir "táticas de confronto" refutando o poder da Igreja, o poder do machismo e do Estado.

Assim, os ganhos obtidos pelas mulheres oriundos da primeira onda feminista foram grandes, contudo, se faz necessário destacar que as mulheres mais beneficiadas naquele momento foram as mulheres de classes abastadas e brancas; as demais, como trabalhadoras e negras ainda percorreram um grande caminho para conquistar todos os direitos. Como todos os movimentos sociais, políticos e também os literários, o movimento feminista, com a chegada do terceiro decênio do século XX, acabou enfraquecendo de maneira gradativa. Ele foi desarticulado desde os Estados Unidos chegando ao Brasil, ressurgindo apenas na década de 1960 mais intensamente. Naquela década surgiram obras significativas para o movimento feminista, como as obras "O Segundo Sexo" de Simone de Beauvoir (1949) e "A Mystica Feminina" de Betty Friedan (1963), que compõem a literatura feminista da época. As revoluções marcaram as décadas de 1960 e 1970 pelo mundo todo, perpassando pelo movimento hippie nos Estados Unidos até os movimentos estudantis que se opunham às ditaduras na América Latina. Esses movimentos de alguma forma auxiliaram no retorno do movimento feminista ressurgindo com mais força na Europa e Estados Unidos.

Diante disso, Pinto (2010) destaca que a segunda onda feminista foi constituída pela luta nas quais as mulheres e os homens pudessem ter uma nova forma de se relacionar, além de garantir às mulheres os direitos de ir à escola, de votar, do direito de participar da vida pública, mas que elas também pudessem ter o direito sobre seus corpos e vontades. Foi por meio desse segundo momento do movimento feminista que surge a compreensão da existência não de uma dominação de classes, mas também a elucidação da dominação do homem sobre a mulher. Para Pinto (2010, p. 16), não deve haver

uma “dominação de uma classe sobre a outra”, pois tanto homens quanto mulheres possuem suas peculiaridades. Além das reivindicações já citadas, havia a preocupação com as várias violências sofridas pelas mulheres, principalmente dentro de casa e isso precisava ser exposto para a sociedade. De acordo com Siqueira (2015), a sociedade deveria tomar conhecimento das violências sexuais e familiares sofridas pelas mulheres para que essas situações fossem resolvidas no âmbito público.

As percepções sobre a segunda onda feminista foram mudando conforme os acontecimentos da sociedade também se alteravam. Assim, esse segundo momento do movimento feminista foi perdendo força, dado que se tornou evidente que apenas uma mínima parcela da população feminina era atendida por esse movimento, e as demais classes de mulheres, como as trabalhadoras rurais, as lésbicas, as mulheres negras, as imigrantes e tantas outras mulheres que não pertenciam às mesmas classes sociais não estavam sendo atendidas pelos movimentos precedentes. Já a terceira onda feminista foi mais abrangente, pois ela, conforme Siqueira (2015), deu um maior destaque às diversidades feministas, permitindo, assim, que as mais diferentes classes de mulheres não apenas fossem atendidas, mas também reconhecidas.

Dessa forma, o impacto das ondas feministas na vida das mulheres e da sociedade foi muito relevante, visto que foi a partir das conquistas feministas no transcorrer dos anos que as mulheres buscaram e ainda buscam ocupar os seus lugares em casa, no trabalho e na sociedade, bem como ocupar espaços que eram e ainda são predominantemente masculinos. Portanto, foi/é por meio dos movimentos feministas que as mulheres tiveram o acesso ao trabalho remunerado.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O aporte metodológico foi constituído de pesquisa bibliográfica envolvendo as áreas da Geografia, História, Literatura e Estudos de Gênero por meio de livros, artigos de periódicos científicos, dissertações e teses com objetivo de compreender as diferentes mudanças e transformações que ocorreram ou ainda as permanências na vida das mulheres. Outros procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa foram as entrevistas semiestruturadas, constituídas com doze mulheres de diferentes faixas etárias e níveis de formação de três estados brasileiros: Minas Gerais, Espírito Santo e Paraná.

Os critérios utilizados para a seleção das participantes das entrevistas foram: o primeiro sucedeu-se por meio do orientador e coorientadora que entraram em contato com as mulheres, a segunda se deu por meio de indicação de colegas de turma e também por meio de outros professores, a

terceira e última ocorreu devido a pesquisadora possuir laços afetivos com algumas participantes. As entrevistas foram documentadas por meio de gravações e transcrições, bem como as entrevistadas assinaram um termo de livre consentimento. O roteiro da entrevista foi constituído por sete questões. Devido a pandemia de Covid-19, elas foram agendadas com antecedência e ocorreram via plataforma virtual *Google Meet*, sendo gravadas e transcritas pela pesquisadora. Para análise das interlocuções, elaboramos categorias que foram agrupadas por semelhanças, por exemplo, o que as mulheres pensam sobre educação, trabalho e sobre a diferença entre as gerações. Feito isso, as categorias foram analisadas criticamente.

Destacamos também que para preservar a identidade das participantes, utilizamos nomes fictícios de personagens femininas presentes em obras de autores como Erico Verissimo, Machado de Assis, Maria José Dupré e José Saramago, figuras relevantes para a Literatura. Evidenciamos que os nomes dados às entrevistadas foram escolhidos conforme a personalidade delas e das personagens escolhidas serem semelhantes.

4 DA CASA AO TRABALHO: OS PERFIS DAS MULHERES ENTREVISTADAS

É a principal parte do artigo que contém a exposição ordenada do assunto tratado. Pode se dividir em seções e subseções, que variam em função da abordagem do tema e do método.

Anteriormente, abordamos brevemente a significância dos movimentos feministas na vida das mulheres e como deram a elas possibilidades de estudo, de trabalho, de votar e de serem donas de seus corpos. As importantes transformações nas vidas das mulheres acarretaram uma crise na civilização, dado que houve, conforme Monteiro (2008, p. 35), não só o estremecimento “de uma ordem social imposta, mas também os princípios e valores que a sociedade alicerça” e este abalo na sociedade fez com que surgissem mulheres mais participavas em várias áreas da sociedade: nas áreas políticas, sociais e culturais. É diante desse novo cenário social que Castells (2018, p. 71-72) indica a ideia de que as alterações atreladas à conscientização da mulher e também dos valores ocorridos em trinta anos em todas as sociedades trouxeram efeitos essenciais para “toda experiência humana”, perpassando pelo “poder político até a estrutura da sociedade”.

Para que as transformações sejam mais bem compreendidas, Castells (2018) emprega algumas hipóteses que corroboraram para que as transformações ocorressem. Suas hipóteses estão embasadas em alguns pontos: a transformação da economia, o mercado de trabalho diretamente associado à “abertura da oportunidade para as mulheres no campo da educação”; e atrelada à educação estão as

transformações tecnológicas que se originaram tanto das ciências médicas, biológicas e farmacológicas que possibilitaram às mulheres um maior controle não apenas sobre seus corpos, mas também sobre a reprodução humana, sendo assim, elas passaram a decidir sobre querer filhos ou não, e se sim, quantos gostaria de ter. Relacionadas a essas mudanças, estavam associadas a elas outras categorias como as transformações tecnológicas e econômicas, e tais modificações acabaram viabilizando não apenas os movimentos feministas, mas também os movimentos sociais que tiveram um grande destaque, principalmente na década de 1960, que resultaram em impactos sobre o patriarcalismo vigente.

A contribuição dos movimentos feministas na vida das mulheres assegurou os direitos civis, políticos e sociais, dando a elas a possibilidade de desempenhar outros papéis dentro da família, não apenas sendo a dona de casa, esposa e mãe. À vista disso, o papel social da mulher é remodelado, tendo um número maior de mulheres provendo os lares ou dividindo as despesas com o marido.

Ao apontarmos os fatores que deram novas oportunidades às mulheres e criando um novo perfil, dado que elas agora optam por escolher profissões que são mais afins com suas habilidades, que lhes viabilizem ocupar lugares antes ocupados apenas por homens. Sendo assim, para que possamos compreender de que forma as mulheres desempenham outros papéis dentro de casa, no trabalho e também na sociedade, é necessário traçarmos os perfis de quem são essas mulheres, em que trabalham e qual a origem delas. Para isso, foram selecionadas 12 (doze) mulheres das mais diferentes idades, com diferentes profissões, a maioria com nível superior completo, dentre elas, três são doutoras, duas são mestrandas, uma mestra, duas concluindo a graduação, uma possui duas graduações e uma possui o Ensino Médio completo.

Em relação ao estado civil, seis são casadas, sendo que dessas, apenas três têm filhos. As outras seis mulheres são solteiras, sendo que três delas estão namorando. Além dessas características, tivemos mulheres que se reconhecem negras e brancas.

Concordamos com Hooks (2020, p. 35) quando ela diz que o feminismo permitiu à mulher se libertar do “controle do pensamento patriarcal sobre nossa consciência”. Compreendemos também que a luta das mulheres pela liberdade é constante e é por meio da liberdade que a mulher sempre buscou e ainda busca ocupar o seu lugar, não apenas como a dona de casa, a mãe e a esposa, mas também como trabalhadora e dona de sua vida. Essa liberdade, para Hooks (2020), é justamente a de conquistar o lugar social, seja ele qual for.

De um modo geral, observamos nas entrevistas que as mulheres se assemelham em vários aspectos, principalmente na questão das experiências, dos exemplos que trazem consigo de suas mães e

avós. Assim, a forma como essas mulheres conduzem suas vidas, seu trabalho, dão-nos a dimensão do quanto as transformações sociais, políticas e econômicas influenciaram a vida de cada uma delas. No quadro 1, apresentamos os perfis das mulheres participantes da pesquisa.

Quadro 1. Perfil das participantes da pesquisa

Entrevistadas	**Estado de Origem**	**Escolaridade**	**Estado Civil**	**Profissão**	**Etnia**
Lola	Minas Gerais	Superior Completo	Casada	Aux. De Secretaria em Escola Pública	Branca
Laurinda	Minas Gerais	Graduação em andamento	Namorando	Estudante de Pedagogia	Branca
Leonora	Paraná	Mestrado em andamento	Namorando	Advogada	Branca
Sílvia	Paraná	Mestrado em andamento	Casada	Assistente Social	Branca
Bibiana	Paraná	Doutorado	Solteira	Professora do Ensino Superior	Branca
Capitu	Paraná	Mestrado	Solteira	Professora do Ensino Superior	Negra
Maria Valéria	Paraná	Doutorado	Casada	Professora do Ensino Superior	Negra
Ana Terra	Paraná	Doutorado	Casada	Professora do Ensino Superior	Branca
Alice	Espírito Santo	Superior Completo	Casada	Professora do Ensino Básico	Branca
Luzia	Minas Gerais	Ensino Médio	Solteira	Artesã	Negra
Helga	Espírito Santo	Graduação em andamento	Namorando	Eng. Florestal	Negra
Blimunda	São Paulo	Graduação em andamento	Casada	Estudante de Filosofia	Negra

Fonte: Elaboração dos(as) autores(as)

Em uma abordagem inicial, as entrevistadas descreveram suas origens quando começaram a trabalhar e as funções que desempenham ou desempenharam, também apresentaram características

comuns como, por exemplo, entraram no mercado de trabalho na adolescência, tendo o primeiro emprego entre os 13 e 15 anos de idade em busca da liberdade financeira.

> [...] Eu trabalho desde os 14 anos, fui para a minha cidade, Poços de Caldas, onde passei a morar próximo da zona rural. Queria arrumar um emprego e buscar novas oportunidades. Foi aí meu primeiro trabalho com 14 anos (Lola, 2020).
> [...] Eu comecei a trabalhar aos 14 anos. E tenho uma irmã que é um ano e nove meses mais velha do que eu. Então, quando ela completou seus 14 anos aproximadamente, começou a trabalhar, e eu fiquei naquela expectativa de trabalhar também, querer o meu dinheiro. Meu primeiro emprego foi numa loja de material de construção, na qual auxiliava nas vendas, na limpeza de balcão e tudo mais. Depois eu comecei a trabalhar na prefeitura de Nova Cantú, já tinha terminado o ensino médio e ganhava um salário mínimo. Portanto, trabalhei em várias atividades (Silvia, 2020).
> [...] Eu trabalho desde os meus quinze anos de idade, trabalhei no comércio de Linhares, trabalhei em diversas áreas. Meu primeiro trabalho com quinze anos era numa empresa terceirizada, um serviço terceirizado para uma fábrica de móveis. Nós colocávamos insulfime em vidros para as gavetas dos roupeiros. Era uma fábrica famosíssima da cidade. Também trabalhei numa loja de irrigação, numa joalheria, relojoaria, ótica, farmácia, em hospital vendendo plano de saúde e mesmo depois de formada, trabalhei em diversas áreas por um tempo porque aqui na cidade, o trabalho no setor educacional é muito fechado e de difícil acesso. Mas, fui trabalhar na educação aos 26 anos (Alice, 2020).
> [...] Eu sempre trabalhei porque meus pais tinham um comércio. E quando eu tinha 14 anos, comecei a ajudá-los, depois com 17 anos, estava próximo a terminar o 3ª ano, eu quis trabalhar em outro lugar, então meus pais permitiram a experiência, trabalhei numa padaria, mas a experiência não foi muito boa porque os patrões eram muito desorganizados, comecei a perceber que estava prejudicando meus estudos, por isso pedi para sair, e na época não precisava do dinheiro. Depois que eu vim para Curitiba é que comecei a ter uma vida longe dos meus pais, pois eles nunca me obrigaram a nada, mas senti necessidade de trabalhar, até para ter autonomia. Então, trabalho fora desde que vim para Curitiba (Blimunda, 2020).

Vale ressaltar que uma das entrevistadas começou a trabalhar de maneira informal:

> A minha vida de trabalho começou desde a adolescência, de uma forma menos formal, mas começou. Quando eu era adolescente, por volta dos 13 anos, eu era babá dos meus sobrinhos para que as minhas irmãs pudessem trabalhar fora. Eu cuidava dos meus sobrinhos, ora de um ora de outro. E aí havia uma remuneração simbólica, mas havia. Era o dinheiro que eu usava para comprar minhas coisas (Capitu, 2020).

Para mais, as entrevistadas que começaram a trabalhar na adolescência, mesmo que informalmente, tinham o mesmo objetivo: serem autossuficientes. O trabalho pode ser um dos caminhos para a autossuficiência, mas não para a independência das mulheres, já que ao falarmos sobre o trabalho ser "um transformador social", como apontado por Braga (2011, p. 02), estamos excluindo as mulheres que optam por serem mães e/ou donas de casa do contexto social, pois, além de restringir essas mulheres apenas ao espaço da casa, entendemos que as mesmas só tiveram o acesso ao espaço público se ganhassem dinheiro. Portanto, o trabalho é um dos caminhos para a autossuficiência, mas

não o único e tampouco o que dá acesso aos espaços públicos. À vista disso, quando as participantes nos dizem que começaram a trabalhar por volta dos 13 a 15 anos, elas passam também a ocupar um lugar dentro do espaço público e participar de um determinado contexto social.

Em contraponto, temos as mulheres que tiveram a possibilidade de trabalhar depois que se formaram ou quando começaram a graduação. Assim sendo, percebemos que as suas lutas e o contexto social em que viviam proporcionaram que elas trabalhassem após se formarem ou enquanto estavam estudando.

> [...] Antes eu trabalhava em tempo integral, quando estava em um escritório de advocacia. Eram oito horas diárias, mas agora como estou em casa trabalhando, faço meu horário. Umas duas horas de manhã, umas quatro horas à tarde e, às vezes, eu também trabalho a noite. Eu não tenho um horário fixo, mas também no final de semana, faço alguma coisa, porque eu advogo e sempre tenho que estar estudando e trabalhando. Olha, o meu trabalho é advogar. Eu trabalho para mim mesma. Antes eu trabalhava para os outros num escritório de advocacia, mas vi que não estava dando certo e agora me sinto mais livre para fazer os meus horários e para exercer o meu papel de advogada, ajudando os meus clientes nos problemas deles (Leonora, 2020).
> [...] Antes que me formasse, fiz estágio na Secretaria de Assistência Social aqui de Maringá e foi uma experiência bem bacana, foi logo no segundo ano da faculdade que comecei. Surgiu essa oportunidade de estagiar na Secretaria para Assistente Social. Na minha área é raríssimo aparecer oportunidade de estagiar, pois eu fazia bacharel em Ciências Sociais, diferentemente das áreas de licenciaturas que ofertam mais vagas para estagiar. A minha atividade é análise de dados, e a vaga de estágio na Secretaria era justamente coletar dados. Então foi bem legal, era estágio de um ano, mas depois, em contato com as meninas de lá, elas adoraram a ideia de ter alguém que estava fazendo Ciências Sociais. Dessa forma, elas abriram a vaga de novo para me recontratar para outro projeto e fiquei o máximo que pude, foram dois anos lá até eu começar o mestrado" (Bibiana, 2020).
> [...] Eu estudava pela manhã na UEL (Universidade Estadual de Londrina) e no finalzinho do terceiro para o quarto ano, eu comecei a dar aulas numa escola particular e no final do quarto para o quinto ano passei no concurso para professora no Estado, então no quinto ano, fiz bacharelado. No quinto ano, estudava de manhã e às quintas e sextas dava aulas na escola e aos sábados fazia uma Pós-Graduação em Análise Ambiental Latu Senso. Eu tinha os estágios, também porque estágio é emprego, pois é remunerado, por isso eu considero como emprego. Então, eu dava aulas e fazia estágio na Prefeitura" (Maria Valéria, 2020).

Os discursos revelam que algumas das participantes, independente da classe social, foram incentivadas a estudar, sendo esses incentivos vindos das mães e, em alguns casos, mais precisamente dos pais.

As mulheres que começaram a trabalhar depois que ingressaram no Ensino Superior deixaram a ideia clara de que o estágio, por ser remunerado, é um emprego e que isso as auxiliou em seu sustento.

Pudemos observar que as mulheres, em sua maioria, começaram a trabalhar antes de ingressarem no Ensino Superior, o que deu a elas a responsabilidade de assumir novos papéis e perceber o mundo de maneira mais amadurecida, pois tiveram experiências que as demais não tiveram.

Todavia, as entrevistadas que tiveram a possiblidade de trabalhar durante e depois de formadas, vivenciaram outras experiências; elas tiveram a oportunidade de se dedicar, de entrar no mercado de trabalho mais tarde do que as mulheres que começaram a trabalhar ainda na adolescência. Por outro lado, essas mulheres que entraram no mercado de trabalho mais cedo, tiveram a possibilidade de vivenciar a independência financeira.

Apenas uma entrevistada não teve o apoio da família para estudar, o que não a impediu de buscar meios para conquistar seus objetivos pessoais e profissionais.

5 MÚLTIPLOS OLHARES DA(S) MULHER(ES) SOBRE O TRABALHO, A CASA E A SOCIEDADE

Outro ponto relevante diz respeito às análises acerca dos diferentes olhares das entrevistadas sobre o trabalho, a casa e a sociedade em que estão inseridas, levando em consideração o conceito de lugar a partir do ponto de vista delas sobre as experiências profissionais e, principalmente, da sociedade em que vivem.

O conceito de lugar é vastamente abordado a partir da Geografia e é possível compreender que este está associado às perspectivas identitárias e históricas, especialmente nesta última categoria, já que o identitário e o histórico fazem a ligação entre o ser humano e o local em que a vida acontece, daí a percepção do lugar estar relacionada às vivências dos indivíduos.

Diante da percepção do(s) lugar(es) ocupado(s) pelas mulheres, dado que elas desempenham papéis variados em lugares diferentes (podem ser donas de casa, mães, chefes de família, entre outros), vislumbra-se as profissionais encarando horas de trabalho fora e dentro de casa. Além de ocupar esses lugares, a mulher também vive em constante luta por seus direitos, para que, de forma factual, participe da sociedade a qual pertence. Assim sendo, entendemos que as mulheres buscam não apenas se enxergarem como mulheres, mas como seres humanos que buscam a sua realização pessoal e profissional, tal como nos aponta Corrêa (2018).

Dito isso, analisaremos as percepções das participantes sobre o trabalho, a casa e também sobre a sociedade na qual vivem. Como podemos observar, mesmo as que ainda moram com os pais, possuem uma opinião semelhante sobre o lugar que ocupam dentro de casa. A maioria delas, como é possível perceber, sempre trabalhou fora e dentro de casa. Como nos aponta Lola, casada, mãe de três filhos, mineira da cidade de Poços de Caldas: “Sempre trabalhei fora e dentro de casa. Porque eu sempre 'ajudei' minha mãe em casa nos afazeres domésticos. E até hoje é assim [...]”. E, ainda na

mesma perspectiva, temos os casos de Blimunda, uma paulista que veio estudar em Curitiba, ou ainda com relação à Sílvia, uma paranaense, assistente social, e ainda Alice, uma capixaba. Os fragmentos a seguir indicam-nos o que elas pensam sobre as atividades domésticas:

> [...] Acaba que na parte da organização da casa, às vezes tenho que pedir para ele ajudar mais, a questão da organização acaba que como a carga horária dele é bem maior que a minha, por isso acabo contribuindo para amenizar essas questões, pois tenho mais tempo para organizar essas coisas (Silvia, 2020).
> [...] Geralmente, com as coisas da casa, eu tenho mais responsabilidade, mas, por exemplo, não gosto de lidar com roupa. Assim, quando é para colocar na máquina, faço sem problemas, mas se tiver que passar, eu não tenho muita paciência. E como ele já sabia disso antes da gente se casar, ele não exige isso de mim. Mas comida, comida eu gosto de fazer, então eu cozinho mais do que ele, apenas quando ele quer fazer uma coisa diferente ou algo de sua preferência, então ele faz. Com relação à ouça, geralmente é assim: ele chega, às vezes, ele lava, às vezes sou eu quem lavo, é bem dividido, o banheiro.... Principalmente agora no finalzinho da gravidez, eu não estou em condições de lavar, então é ele que lava, desse modo ele ajuda bastante (Blimunda, 2020).
> [...] As tarefas do lar é uma briga constante. É uma quebra de paradigma todos os dias. E por mais que a gente converse, ainda persiste a ideia machista de achar que a maior parte das atividades domésticas está vinculada à mulher. Então, na minha casa é uma quebra de paradigma todos os dias, uma luta constante de falar: - Ah, mas é sua função! Não! Não tem a minha função ou a sua função, é nossa função porque todo mundo mora junto (Alice, 2020).

Em contrapartida, temos entrevistadas que vivem situações diferentes, como Leonora, Capitu, Bibiana e Laurinda que ainda moram com os pais. Nessa situação, observamos outro tipo de divisão das atividades domésticas. Notamos que as três auxiliam no que é possível nas tarefas domésticas. Vejamos:

> Eu moro com os meus pais. O meu pai sempre está trabalhando fora e dificilmente ele faz algum papel que esteja ligado às atividades da casa, no máximo levar um lixo, lavar uma louça, nós não temos empregada, ficamos apenas eu e minha mãe, então aqui em casa é tudo divido entre eu e minha mãe, geralmente eu faço a parte mais pesada da casa, limpar o chão e a minha mãe fica com a parte de fazer comida (Leonora, 2020).
> Eu voltei a morar com os meus pais no ano passado e foi uma readaptação difícil. Agora com a pandemia, estamos todos juntos na mesma casa quase o tempo todo. Aqui em casa, a estrutura familiar sempre foi voltada para cada um ter um papel dentro de casa, é muito claro isso. Quanto às tarefas diárias, nós sempre compartilhamos, então cada um tem a sua responsabilidade, em especial, todo mundo tem que fazer a manutenção da casa, mas cada um também é responsável pelo seu espaço. Eu cuido do meu quarto, meus pais do quarto deles. Nós temos que fazer a manutenção e priorizar a casa (Bibiana, 2020).
> Eu ainda moro com os meus pais, os dois já estão aposentados e mais a minha irmã. Somos em quatro. Em relação aos trabalhos domésticos, tanto eu quanto a minha irmã que é pedagoga, acabamos trabalhando em horário comercial. E agora estamos trabalhando em home office, então as tarefas diárias, durante a semana acabamos não conseguindo fazer muita coisa. Enquanto que a minha mãe, apesar de ser aposentada e de ser idosa, consegue fazer boa parte dos serviços domésticos durante a semana. No entanto, no sábado, que é nosso dia de folga, fazemos uma faxina mais densa na casa, com uma divisão justa do serviço. A louça do domingo religiosamente é minha (Capitu, 2020).

> [...] Aqui em casa, ajudo no que for preciso, lavo louça, faço comida, tomo conta das crianças e faço faxina (Laurinda, 2020).

Ressaltamos aqui que há nos fragmentos supracitados a priorização da figura materna, o que evidencia haver uma distribuição injusta de afazeres domésticos. Sendo assim, fica explícito que o ambiente doméstico ainda está atrelado à mulher, e quando se faz menção à figura masculina, esta fica sempre em segundo plano, como um apoio, uma ajuda e não uma participação efetiva.

Ainda sobre a casa, a divisão das tarefas domésticas, temos duas entrevistadas que vivem situações diferentes das demais, sendo que uma mora sozinha, logo, é ela a responsável por todas as tarefas domésticas: "Eu moro sozinha, então tudo sou eu que faço, resolvo tudo" (Luzia). Sob outro ponto de vista, temos Helga que nos diz o seguinte:

> Eu divido a casa com uma amiga, nós dividimos tudo, as contas, as tarefas. Dividimos tudo, até para ser mais justo para todo mundo. Enquanto eu morava com a minha mãe que é professora e trabalha o dia inteiro, então eu ficava com as tarefas de casa porque o meu irmão era pequeno (Helga, 2020).

Por outro lado, temos uma entrevistada que diverge das demais nessa questão, conforme fragmento a seguir:

> [...]. Eu acho que a minha resposta vai ser bem diferente das demais, pois não dividimos as tarefas de maneira igual porque nós não somos iguais, então isso é bem claro para mim. Deus não nos fez seres iguais, então o meu marido faz uma atividade ou outra; leva o lixo, lava louça e tudo mais. Mas não como as outras colegas; eu dou banho, você faz almoço, quem faz o almoço não lava a louça, quem lava a louça não arruma a cama. Aqui eu tenho uma diarista, tenho também uma baba para cuidar do meu filho, pois o meu trabalho é remoto e não dou conta de tudo e ainda cuidar dele. Eu tenho 40 horas e não dou conta, porém faço as atividades, mas eu faço porque também eu gosto. Então eu gosto de cozinhar, tenho prazer em fazer coisas para o meu marido, isso não é um peso, não é uma angústia, isso não é um fardo para mim. Então, o meu ponto de vista é diferente, porque eu posso e proporciono que o meu marido descanse, enquanto eu faço a comida, não me custa nada! Porque depois ele vai lavar a louça, vai levar o lixo e eu não preciso pedir isso para ele, porque ele vai fazer. Então, as nossas divisões não foram acordadas, nós temos 12 anos de casamento e nunca foi uma coisa de "eu vou fazer isso "e "você aquilo". O lado bom é que funciona. Então, eu troco o meu filho, ele dá banho, ele leva o lixo, leva nosso filho para a escola. Alguns casais amigos nossos as divisões das tarefas são assim: nas 2ª, 4ª e 6ª o marido leva as crianças à escola e nas 3ª e 5ª a esposa leva, tenho amigos assim. Enquanto que no nosso acordo não tem isso. Então é uma coisa mais leve, o relacionamento é muito mais tranquilo, até mesmo a divisão financeira é assim. O nosso acordo espontâneo funciona bem, parece que tem alguma coisa incorporada, sendo que eu não consigo dizer eu faço isso e ele aquilo (Maria Valéria, 2020).

O discurso de Maria Valéria chama-nos a atenção por seu ponto de vista parecer ser divergente das demais entrevistadas. Contudo, ela nos diz uma coisa, mas despercebidamente vive outra. Ao dizer

que homens e mulheres são diferentes, Maria Valéria parece entender que os homens são superiores às mulheres. E ao contrário do que pensa Adiche (2014) ao afirmar que homens e mulheres são diferentes, mas do ponto de vista biológico, assim sendo, não é possível afirmar que existe preeminência masculina. Além disso, notamos que Maria Valéria tem necessidade de contratar o serviço de outras mulheres para cuidar de seu filho e da casa enquanto trabalha.

Outro ponto relevante dentro da perspectiva de Maria Valéria está no fato de ela e o marido não fazerem uma divisão de tarefas domésticas, não havendo obrigação da divisão dos afazeres da casa, existindo a ideia de que o marido compreenda a necessidade de participar das atividades da casa, mas sem ser algo cobrado, imposto, facilitando a vida cotidiana da casa.

Mesmo as mulheres que moram sozinhas e dividem a casa com outra pessoa, as que moram com os pais ou são casadas deixam claro que a maior parte das tarefas domésticas é feita por elas e pelas mães e que os homens possuem pouca ou nenhuma participação nas atividades da casa. Ainda sobre a percepção das mulheres sobre o papel que elas desempenham dentro de casa, todas apresentaram a mesma compreensão, elas auxiliam no pagamento das contas, embora os maridos tenham uma responsabilidade maior, dado que os mesmos possuem um salário maior do que os das esposas. Além disso, as mulheres que ainda moram com os pais, duas colaboram com as despesas, sendo que uma não possui obrigação de contribuir, já Capitu contribui, todavia, por causa da construção de sua casa, foi liberada de contribuir.

> [...] Faz mais ou menos um ano e meio que eu não estou "ajudando" em casa porque eu estou investindo na construção da minha casa, então meus pais fizeram essa concessão para que eu consiga concluir a construção. Mas todo tempo antes disso, quando eu não estava nessa situação de precisar do dinheiro para o investimento, eu sempre contribuí com algum valor, não o valor total das despesas porque quem mantém a casa são os meus pais (Capitu, 2020).

Notamos também que uma das participantes junta o seu salário com o do marido para pagar todas as contas da casa, portanto, nesse caso não há uma divisão de contas e sim uma junção das responsabilidades: "Nós juntamos o que ele ganha com o que eu ganho, nós juntamos o todo para seguir com os pagamentos da casa" (Lola, 2020).

Em relação às experiências do trabalho, como pudemos observar, a partir de teorias estudadas, Hooks (2020, p. 82) afirma que "não é o trabalho que liberta a mulher da dominação masculina", embora existam mulheres que possuam altos cargos e salários, há mulheres abastadas que se encontram em relacionamentos com homens que são pautados na "dominação masculina". Todavia,

compreendemos que se uma mulher do ponto de vista econômico for independente, tem mais facilidade de romper o relacionamento em que predomina a dominação masculina. Hooks (2020, p. 83) ainda pontua que muitas mulheres, mesmo com o início do movimento feminista, sabiam que essencialmente o trabalho não iria dar liberdade à mulher, "mas que esse fato não muda a realidade de que a autossuficiência econômica é necessária para a libertação das mulheres". E, ao trazermos a questão da "autossuficiência libertadora ao invés de trabalho" de que Hooks (2020) trata, é preciso conceber a ideia de que empregos com horários flexíveis e melhores remunerações "tendem a oferecer mais liberdade à trabalhadora".

A partir disso, apontamos o que o trabalho representa para essas mulheres, principalmente as que começaram a trabalhar cedo e depois concluíram a faculdade e puderam a partir das experiências obtidas, ter uma visão sobre o trabalho. Temos como exemplo Sílvia, que nos aponta em sua fala o quanto o trabalho lhe trouxe independência, ao mesmo tempo cita a mãe, que sempre foi dependente do marido. Sílvia destaca:

> [...] mas essa questão me dá autonomia, me ajuda e me ajudou muito. Eu falo com o meu marido, pois sou muito independente, tanto nos estudos quanto profissionalmente e isso é muito bom. Em relação à minha mãe, a gente cresceu vendo-a ser dependente do meu pai, tudo o que precisava tinha que falar com ele, pedir para ele (Sílvia, 2020).

Ou ainda na fala de Blimunda e de Alice, em que os pais sempre procuraram mostrar a necessidade de ter um trabalho para que se tenha independência, ambas foram explícitas em seus discursos que o trabalho é importante não para se ter liberdade e sim independência. Assim sendo, pontua Blimunda:

> A minha vivência com a da minha mãe é bem parecida. A minha mãe também teve uma vida de mulher moderna, porque ela sempre trabalhou também. A minha mãe e o meu pai sempre me ensinaram a não depender do marido e esperando tudo dele. Porém, esse marido deveria ter as mesmas responsabilidades com os serviços da casa e tivesse as mesmas ambições. Eu acho que toda essa questão de ter escolha, liberdade, tanto dentro do casamento quanto na vida profissional dão um certo alívio, eu não sei se é a palavra certa, mas sinto-me poderosa (Blimunda, 2020).

Alice complementa a ideia de Blimunda ao dizer da relevância da independência.

> [...] Os meus pais sempre nos orientaram para fôssemos muito independentes. Então, o meu pai sempre falava: – Olha, quando quiser casar, vai estudar! Ah! Deu vontade de casar de novo? Dá mais uma estudada! Ele sempre dizia para a gente não confiar em homem. Ele tinha essa

> loucura “não confie em homem”. “Não se faz homem como antigamente”. Seja independente, porque se você for embora ou se ele te largar, você tem como se sustentar, mas não dependa de homem para viver. Ele sempre teve isso na cabeça, assim, o meu pai sempre foi muito mais feminista do que minha mãe, a gente sempre cresceu com essa ideia de ser independente, de trabalhar, de se sustentar e se não der certo, a vida segue (Alice, 2020).

Assim sendo, Hooks (2020, p. 83) afirma que o trabalho “não necessariamente liberta”, posto que a liberdade das mulheres viria da autossuficiência, uma vez que as mulheres tanto sustentam a casa ou colaboram com a divisão das contas, bem como conseguem manter suas despesas pessoais. Como nos fala Alice: “Sou eu quem me sustento, eu que me banco, pago as minhas contas, compro minhas roupas e as da minha filha”. E ao associarmos os discursos aqui apresentados ao pensamento de Hooks (2020), ao ratificar que as mulheres estão no mercado de trabalho há muito tempo e por receber altos ou baixos salários, algumas não pensaram o quão o trabalho “é significativo quanto a utopia feminista sugeria” (p. 88). Vale ressaltarmos que a autora concebe a ideia de que quando a mulher trabalha para ganhar dinheiro que seja apenas para consumir em prol do seu bem-estar, mas sem “melhorar a qualidade de vida em todos os níveis, o trabalho não leva à autossuficiência econômica” (p.88), daí a necessidade de abordar o trabalho como uma forma de sair da pobreza, de dar à mulher a possibilidade de uma vida melhor.

Em relação às diferenças de classe, preferencialmente no que tange à raça e gênero, observamos que do total de entrevistadas, apenas 4 são negras, sendo que uma é doutora, uma é mestre, uma é estudante de Engenharia Florestal e uma trabalha como autônoma. As demais participantes são brancas. É sabido que as mulheres brancas, principalmente as de classe mais abastada, usufruíram e ainda usufruem dos diretos conquistados pelas lutas feministas. Por meio dos trechos a seguir, notamos as diferenças ligadas à raça, como podemos observar: “Porque ser mulher e negra é ainda mais difícil, e a minha mãe sabia disso, ela teve que se desdobrar para conquistar o espaço dela” (Helga, 2020).

Notamos nos trechos a seguir as diferenças em relação à etnia das entrevistadas, em que duas falam sobre a dificuldade de ser mulher e negra, e uma aponta dois fatos ocorridos com ela, deixando explícita a questão do racismo por conta de colegas de trabalho. Em seguida, Luzia, outra participante, fala do quão difícil é ser mulher, gorda e negra, e foi a partir de suas experiências com o racismo que ela se posicionou na luta do Movimento Negro “Tereza de Benguela” para dar voz às mulheres negras de sua cidade no interior de Minas Gerais. Diante disso, Maria Valéria expõe:

> O preconceito em uma conversa ou em outra é comum. Por exemplo, eu fui a única negra do meu doutorado, da minha sala, da minha turma, como fui também a única negra na minha

> turma de mestrado. Como fui a um Hotel Fazenda esse fim de semana e eu era a única negra, eu estou relatando, não que isso me incomode. Eu já sofri discriminação, por isso vou te contar uma coisa: Quando eu estava em Brasília, Brasília é a "terra da fantasia", eu morava no Plano Piloto, não morava nas cidades administrativas, eu costumo dizer que só tinha eu e o meu marido ali de classe média. Então, ali mesmo entre os professores, todo mundo era sobrinho de senador, primo de deputado, de embaixador, de chanceler, gente com muita experiência fora do Brasil. Quanto às mulheres, eu acho que a maioria dá aula ali em Brasília só para se ocupar, pelo menos as mulheres ali não era um ofício, essa foi a experiência que eu tive, não estou generalizando e esse caso não vou esquecer porque ele foi bem emblemático. Um certo dia uma colega chegou para mim e disse assim: -"O seu marido também é de cor?" - Eu falei: - Não! Primeiro eu fiquei chocada com a pergunta, me deu até um nó na garganta que eu não sabia o que responder. Aí eu falei – Não, meu marido não é "de cor", meu marido é branco como você. Então dizer "de cor" Fale negro, preto, mas "de cor", não. Então essa coisa foi para mim a mais grave (Maria Valéria, 2002).

> Eu sou uma mulher militante, participo de grupos sociais, é uma pauta discutida diariamente há quase 30 anos. E o estudo, o conhecimento são a base de tudo, e as mulheres precisam ocupar o espaço sempre. Participar do Movimento Negro é gratificante, é alegria, ainda mais com o que vem acontecendo na atualidade, então, é uma luta diária, é encarar de frente a sociedade. No mundo de hoje, acham que é "mimimi", nós temos que ir com muita garra, com muito esforço, muito estudo, conhecimento. E nós, nós temos que fazer esse trabalho, que para mim é muito gratificante pode falar da nossa mobilização, da nossa luta porque os que vieram antes de nós também lutaram, chegaram aqui escravizados. Eu sofri muito com o racismo e foi por causa do racismo que eu comecei a trabalhar com mais garra nesses movimentos aqui na cidade, porque é só quando você passa, sofre na pele, é que se tem uma bagagem bem maior para explicar, para impulsionar as outras pessoas para lutar em prol da igualdade. Então, é uma luta diária porque sofremos muito com o racismo. Tem o racismo do dia a dia, só que hoje tem as leis, por mais que elas ainda não funcionem como deveriam. Eu sou mulher negra e gorda (Luzia, 2020).

Diante do exposto, percebemos que existem restrições às mulheres, não apenas pelo fato de serem mulheres, mas pelo fato de serem negras, de serem gordas, de serem mães, de optarem por seguir carreiras que por mais que tenham mulheres atuando, ainda é um domínio masculino. O racismo é uma questão recorrente para muitas, dado que a divisão social da qual Ribeiro (2020, p. 12) aponta "vem da falta de reflexão sobre o tema que constitui uma das bases para a perpetuação do sistema de discriminação racial" que imposta por meio da divisão social existente, fator que necessariamente precisa ser debatido.

Por meio dos discursos das mulheres entrevistadas, procuramos mostrar os vários olhares que elas têm sobre o trabalho, sobre a casa e a sociedade. Consideramos que as mulheres entendem que o trabalho lhes dá autossuficiência, que é por meio dele que elas conseguem se manter e se emancipar. Todavia, as atividades domésticas ainda recaem sobre elas, havendo uma menor participação dos pais, irmãos e maridos. Já os olhares que nossas entrevistadas têm para a sociedade, perspectivas sobre a família são frequentemente o ponto de partida, ressaltando que este é o primeiro grupo social do qual fazemos parte, a maioria delas tem como inspiração, como espelho as mães, as avós, dado que essas

figuras sempre mostram a elas a importância de serem independentes. No entanto, duas de nossas participantes têm no pai a figura relevante justamente por mostrar a elas a importância do estudo e do trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões acerca dos papéis que as mulheres desempenham em casa, fora dela e em lugares que as mesmas ocupam foram discutidas aqui, são embasadas em primeiro momento a partir do conceito de lugar pelo olhar geográfico, porque é a partir da definição desse que pudemos compreender qual(is) o(s) lugar(res) que as mulheres passaram a ocupar a partir do momento em que tiveram acesso ao conhecimento e à educação. As discussões acerca do trabalho, da casa, da sociedade se originam das várias transformações sofridas pela sociedade no decorrer do tempo, que foram amplas, principalmente no que diz respeito às mulheres, dado que por muito tempo a mulher era tida com uma incapaz de pensar e de agir.

Foi a partir do momento em as mulheres tiveram acesso ao conhecimento e à educação que tais fatores importantes contribuíram de maneira direta para a entrada delas no mercado de trabalho. Do mesmo modo, o estudo também possibilitou às mulheres a ascensão a novas participações. Mesmo que em um primeiro momento, a educação fosse voltada para as mulheres das classes abastadas e voltada para a gestão do lar, as mulheres passaram a desempenhar um novo papel dentro da sociedade, elas aprenderam a ler e a escrever, já que não era mais possível mantê-las longe das letras. Em um segundo momento, a educação abrangeu as mulheres das demais classes sociais, sendo essa voltada para o trabalho. Nesse viés, deparamo-nos com a necessidade de incluir as mulheres no círculo social, já que a sociedade estava em pleno processo de transformação, e as mulheres eram necessárias tanto dentro da casa quanto fora dela.

Com o advento da Revolução Industrial, as transformações chegaram às cidades, vieram com elas as mudanças de comportamentos na sociedade. Se num primeiro momento apenas as mulheres de famílias abastadas passaram a ter acesso ao conhecimento, num segundo momento as mulheres das classes menos favorecidas também, mas com a interferência dos movimentos anarquistas, por exemplo, que ampliaram a visão de que a educação era vista como um fator libertador para a mulher. Sendo assim, houve da parte desse movimento a preocupação em educar as meninas. Além disso, foi com o surgimento dos primeiros movimentos feministas na Europa, que tinham como premissa lutar pelas questões políticas e reivindicatórias, que pautas se renovaram também no Brasil, como a luta pelo

direito de votar. Mediante as várias conquistas dos movimentos feministas, as mulheres conseguiram ter acesso ao conhecimento e, a partir dele, ao estudo e ao trabalho. Em vista disso, foram a partir dos avanços conquistados pelos movimentos feministas que as mulheres conseguiram oportunidades de trabalhar fora de casa e, consequentemente, elas compreenderam que o trabalho é uma das formas de emancipação que lhes tornam autossuficientes, mas não independentes, como foi apontado pelas entrevistadas.

Em vista dos avanços obtidos pelos movimentos feministas, das conquistas que ainda continuam a ocorrer, não se pode deixar de fora que o trabalho doméstico ainda é tido como um trabalho exclusivamente feminino, dado que os filhos, maridos, irmãos participam pouco dos trabalhos cotidianos da casa, realizam uma atividade ou outra, ponto que também foi discutido pelas participantes da pesquisa. No que diz respeito à sociedade, as mulheres compreendem que a família é o primeiro grupo social do qual fazem parte, sendo que as mães, avós, às vezes as tias eram exemplos a serem seguidos. Tais mulheres se revelaram relevantes na vida das entrevistadas, porque elas sempre mostraram às filhas e netas a importância de terem conhecimento, de estudarem e trabalharem, dado que o trabalho é uma forma de ser autossuficiente. Todavia, houve participantes que viram na figura paterna a mesma relevância que as demais participantes tinham com as mães e avós: a necessidade de adquirir conhecimento e por meio dele conquistar a liberdade, e por meio do trabalho a autossuficiência.

Apesar das mulheres chegarem aos primeiros vinte anos do século XXI tendo conquistado tantos direitos, virem ocupando seus lugares tanto no espaço privado quanto no espaço público, muito ainda precisa ser feito para que elas possam assumir plenamente seu(s) lugar(es) no trabalho, em casa e também na sociedade, pois algumas atividades cotidianas da casa, a educação dos filhos são ainda tidas como obrigação apenas das mulheres, que, por sua vez, se desdobram entre os trabalhos dentro e fora de casa. Esses fatos fazem parte de um longo caminho que as mulheres vêm percorrendo no decorrer dos anos.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2012.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. vol. II. Trad. De Klauss Brandini Gehardt. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

COSTA, Ana Alice Alcântara. O Movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervençãopolítica.**RevistaGênero**,v.5,n.2,p.1-20.Disponívelem: <http://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31137>. Acesso em: 28/01/2021**.**

D'INCÃO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

FRANÇA, Fabiane Freire. **Representações Sociais de Gênero e Sexualidade na Escola: diálogo com os educadores**. Tese (Doutorado em Educação). 2014. 187f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Educação, Maringá, 2014.

Hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.

KANTORSKI, Evelin Leite. **A Mulher e a cidade**: as representações femininas nos romances de Erico Verissimo nas décadas de 1930. 2011. 222f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Santa Catarina, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

MONTEIRO, Christiane Schorr. **As conquistas e as trajetórias das mulheres na luta pelo reconhecimento**, 2008. 225f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Programa de Pós-Graduação em Direito.SantoÂngelo,RS,2008.Disponívelem: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/teste/arqs/cp098527.pdf>. Acesso em: 06/06/2021.

PERROT, Michelle. **As Mulheres ou os Silêncios da História**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1998.

SIQUEIRA, Camilla Karla Barbosa. As três ondas feministas e suas repercussões no direito brasileiro. **XXIV CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI -** UFMG/FUMEC/DOM HELDER CÂMARA. Coordenadores: Gilmar Antonio Bedin, Gisele Guimarães Cittadino, Florivaldo Dutra de Araújo – Florianópolis, CONPEDI, 2015,p.328-354.Disponívelem: <http://conpedi.danilolr.info/publicacoes/66fls1345/w8299187>. Acesso em: 30/01/2021.